



DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: O FORTALECIMENTO DA DEMOCRACIA A PARTIR DA EXPRESSÃO DA VOZ FEMININA NEGRA NAS REDES SOCIAIS

Joyce Finato Pires
Carla Fernanda Prim Marzani

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar se as contribuições realizadas pelas mulheres negras por meio das redes sociais são fatores de impacto nas políticas destinadas às mulheres negras e na promoção de uma democracia mais participativa. Justifica-se a pesquisa pelo intuito de demonstrar como a sociedade inconscientemente propaga estereótipos sobre o corpo feminino negro e como isso é uma forma de perpetuação do racismo e da exclusão de minorias. Verificou-se que a produção de sujeitos estereotipados são parte de estratégias da manutenção da prática colonial, que colocam no diferente a marca de sujeitos marginalizados e degenerados, promovendo aparatos de poder. Deste modo, a abertura de espaços digitais promove a inclusão das mulheres negras em espaço de poder, ao auxiliar na promoção de políticas públicas e no incentivo à participação democrática, bem como desconstruem os estereótipos distorcidos difundidos na mídia.

Palavras-chave: estereótipos; mulheres negras; redes sociais; políticas públicas; democracia.

Abstract

The present work aims to analyze whether the contributions made by black women through social media are impactful factors in policies aimed at black women and in promoting a more participatory democracy. The research is justified by the intention to demonstrate how society unconsciously propagates stereotypes about the black female body and how this perpetuates racism and the exclusion of minorities. It was found that the production of stereotyped subjects is part of strategies to maintain colonial practices, which mark different individuals as marginalized and degenerate, promoting power apparatuses. In this way, the opening of digital spaces promotes the inclusion of black women in power spaces by aiding in the promotion of public policies and encouraging democratic participation, as well as deconstructing the distorted stereotypes spread in the media.

Keywords: stereotypes; black women; social media; public policies; democracy.

INTRODUÇÃO

Os estereótipos atribuídos à mulher negra, como a mulata (sexualizada) ou a empregada, decorrem do período colonial e escravagista. Contudo, esses estereótipos reverberam na mídia até os dias de hoje. O corpo feminino negro é estereotipado nas novelas, no cinema, nas músicas, no jornalismo e nas propagandas.

Diante disso, em continuidade ao trabalho de movimentos feministas negros no Brasil, mulheres de todas as idades vêm atuando ativamente nas redes sociais para a formação de uma identidade feminina negra, no combate aos estereótipos e na difusão da cultura negra.

Com isso, o presente trabalho objetiva analisar se as contribuições realizadas pelas mulheres negras por meio das redes sociais são fatores de impacto nas políticas destinadas às mulheres negras e na promoção de uma democracia mais participativa.

A justificativa deste artigo é demonstrar como a sociedade inconscientemente propaga estereótipos sobre o corpo feminino negro e como isso é uma forma de perpetuação do racismo e da exclusão de minorias.

Para tanto, na primeira parte do artigo será aprofundada a forma com que a mulher negra sofre com estereótipos difundidos na mídia.

Na segunda parte, intenta-se verificar de que forma a atuação das mulheres negras nas redes sociais desconstrói esses estereótipos e são expressão de voz e de mudança.

Na terceira e última parte, busca-se compreender se o ativismo digital é importante para a promoção de políticas públicas voltadas às mulheres negras, bem como, se promove o aumento da participação feminina negra na democracia e nos locais de poder.

ESTEREÓTIPO DA MULHER NEGRA

O período escravagista pode ser considerado o propulsor da visão estereotipada e da objetificação da mulher negra no Brasil. Isso porque, as negras eram vistas como objeto de satisfação masculina, detentoras de muita beleza e corpos sensuais, ao passo que as brancas eram tidas como puras e destinadas ao matrimônio¹.

O casamento entre homens brancos e mulheres negras era proibido, mas isso não impedia a prática sexual, a qual inclusive era incentivada, sobretudo para

¹ VIANA, Ana Carolina; SANTOS, Cristiane; Ezechiello, Rafaela. A hipersexualização da mulher negra. **Materializando Conhecimentos Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 9, p. 1-14, out. 2019, p. 2-3.

iniciação sexual de “jovens sinhozinhos”, rebaixando a mulher negra a verdadeiro objeto sexual².

Apesar da abolição da escravidão, a apropriação do corpo da mulher negra, a objetificação, a hipersexualização e os estereótipos, permaneceram arraigados na cultura brasileira, inclusive, influenciando até hoje a maneira com que a mulher negra é representada na mídia³.

Os estereótipos são simplificações que objetivam prever o comportamento de determinado indivíduo, colocando-o em um determinado papel social e em padrões de comportamento esperados⁴.

Os problemas identificados em relação ao estereótipo atribuído à mulher negra nos meios de comunicação vão desde a hipersexualização, ausência de representatividade e invisibilidade – com poucas atrizes negras –, até o papel por elas desempenhado, como a inserção da negra como a babá, a empregada, a moradora da periferia e assim por diante, ocupando raras vezes o papel principal.

Na minissérie “Sexo e as Negras”, transmitida na Rede Globo, havia quatro mulheres negras que protagonizavam a trama. No entanto, essas mulheres se encontravam em funções subalternas, em situação de pobreza, com seus corpos sexualizados ou ocultados. Além disso, todas eram solteiras ou tiveram relacionamentos conflituosos, imprimindo mais um rótulo de que a família negra é fragmentada ou inexistente⁵.

A novela “Terra Nostra”, exibida também na Rede Globo, retratou o branco imigrante, no caso em específico os italianos, com superioridade aos negros. Caneiro traz vários exemplos acerca da subserviência, infantilismo e ausência de relevância dos personagens negros na trama, como as falas do personagem Tiziu que reclama que Deus não o quis embranquecer, bem como ao avisar ao menino italiano Matteo

² VIANA, Ana Carolina; SANTOS, Cristiane; Ezechiello, Rafaela. A hipersexualização da mulher negra. **Materializando Conhecimentos Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 9, p. 1-14, out. 2019, p. 2-3.

³ VIANA, Ana Carolina; SANTOS, Cristiane; Ezechiello, Rafaela. A hipersexualização da mulher negra. **Materializando Conhecimentos Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 9, p. 1-14, out. 2019, p. 2-3.

⁴ BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p. 71-98, jul./dez. 2011.

⁵ MAIA, Camila Pereira; SILVA, Roberto Jardim da. Sexo e as negas: empoderamento ou reforço dos estereótipos das mulheres negras na mídia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 20-25, jan./jul. 2016.

que se não se comportasse ia ser colocado no tronco e o menino responde que se o capataz tentasse, seria um homem morto⁶.

Isso demonstra a construção estereotipada em que o negro seria resignado à escravidão, enquanto o imigrante branco jamais se sujeitaria a tal situação, além de reforçar a hegemonia branca e a subordinação dos negros que vem sendo construída no decorrer dos últimos quinhentos anos⁷.

A atriz e apresentadora Solange Couto, em contribuição à campanha “Senti na Pele”, denunciou que dos trinta e sete personagens por ela interpretados, vinte e cinco eram empregadas ou escravas e cinco eram dançarinas⁸. Isso reforça o estereótipo encrustado na mídia a respeito das mulheres negras.

No cinema, os estereótipos e a sub-representação também foram identificados nos papéis atribuídos às mulheres negras. A partir de dados obtidos do Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, Candido e Feres Júnior constataram que apenas 5% das personagens eram mulheres negras. Ademais, observaram que em casos de protagonismo, as personagens tinham como cenário a periferia, a escassez de oportunidades, eram retratadas como prostituta ou empregada, com pouca instrução e mau português⁹.

O estereótipo lançado sobre as mulheres negras não se limita às novelas e ao cinema, mas também é observado nas letras e cliques das músicas, como é o caso do clipe “Beautiful” gravado no Rio de Janeiro, com a letra cantada por Pharrel Williams e Snoop Dogg¹⁰.

Para além disso, observa-se que o jornalismo igualmente contribui com o enfoque negativo, eis que opta por reproduzir notícias em que a mulher negra está na condição de cometer ou sofrer delitos, esquecendo-se de publicizar aquelas que

⁶ CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

⁷ CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

⁸ SANTOS, Manuela Pinheiro; SANTOS, Edna Consuelo Lisboa Pinheiro; SILVA, Jéssica Góes da; SILVA, Ícaro Ferreira da. A invisibilidade da mulher negra na mídia. In: **V Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidades**. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30411>. Acesso em: 12 fev. 2024.

⁹ CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2019.

¹⁰ VIANA, Ana Carolina; SANTOS, Cristiane; Ezechiello, Rafaela. A hipersexualização da mulher negra. **Materializando Conhecimentos Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 9, p. 1-14, out. 2019, p. 2-3.

assumiram cargos de advogadas, médicas, delegadas, vereadoras e as conquistas alcançadas por esse grupo¹¹.

As propagandas veiculadas entre os programas, filmes e novelas também devem ser objeto de reflexão acerca dos estereótipos perpetrados pela mídia, tendo em vista que transmitem e reforçam de forma simbólica esses estereótipos e a dominação da maioria sobre grupos minoritários.

De forma sutil, as mensagens simbólicas transmitidas pelos veículos de comunicação em massa interagem com a psique e com as culturas, criam representações e transformam relações. Essas formas simbólicas de interação cultural são intencionais, convencionais, estruturais e possuem aspectos referencial e contextual. Isso significa que propositadamente a ideia vinculada é transmitida de um sujeito a outro, a partir de regras ou convenções, de forma articulada, representando algo em determinado contexto histórico-social¹².

As formas simbólicas incutidas nas propagandas carregam ideologias e se entrecruzam com as relações de poder e de dominação de gênero, classe e/ou raça, de modo que podem contribuir para reforçar essas relações e a exclusão das minorias¹³.

As minorias aqui destacadas não se trata de expressão numérica, mas sim faz referência a grupos que em razão de traços físicos ou culturais são relegados à exclusão e discriminados, aqueles que não se encaixam na sociedade, fora dos sistemas de poder. Isso se dá a partir de uma construção histórica e político-econômica, em que as posições de poder são cerceadas a determinados sujeitos, negando-lhes reconhecimento, causando uma relação de opressão, na qual a maioria é vista de forma positiva e a minoria com viés negativo¹⁴.

¹¹ SANTOS, Manuela Pinheiro; SANTOS, Edna Consuelo Lisboa Pinheiro; SILVA, Jéssica Góes da; SILVA, Ícaro Ferreira da. A invisibilidade da mulher negra na mídia. In: **V Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidades**. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30411>. Acesso em: 12 fev. 2024.

¹² ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 14, n. 2, p. 74-94 jul./dez. 2002.

¹³ ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 14, n. 2, p. 74-94 jul./dez. 2002.

¹⁴ ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 14, n. 2, p. 74-94 jul./dez. 2002.

Os estereótipos se tornam evidentes nessas relações, em que “estereotipar faz parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo uma fronteira entre o ‘normal’ e o ‘desviante’, o ‘normal’ e o ‘patológico’, o ‘aceitável’ e o ‘inaceitável’, o que ‘pertence’ e o que ‘não pertence’, o ‘nós’ e o ‘eles’”¹⁵.

Uma pesquisa realizada a partir da análise de duas propagandas, a da Embratel e do jeans Blue Stell, constatou o apelo à linguagem simbólica colocando a mulher negra de forma sexualizada e como empregada e os jovens negros como pobres e em posição de inferioridade em relação aos personagens brancos na narrativa.

A mensagem é subliminar, compreendida através das roupas dos personagens, assim como pela fala, em que quem pergunta sempre são os negros e quem têm as respostas são os brancos, os quais teriam mais acesso à escola e à educação¹⁶.

Em alguns casos a mensagem aparece de forma explícita, como foi o caso de duas propagandas proibidas de serem exibidas pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação. A primeira foi da cerveja Devassa, que junto a uma mulher negra vinha a frase “pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra. Devassa negra encorpada. Estilo dark ale de alta fermentação. Cremosa com aroma de malte torrado” e a segunda da linha de lingerie Du Loren que apresentava uma mulher negra com a mensagem “Pacificar foi fácil. Quero ver dominar”¹⁷.

Ainda, a mulher negra é inserida em propagandas assistencialistas, tais como “Bolsa Família”, “Minha Casa, Minha Vida” e “Basta de violências contra as mulheres”¹⁸. Isso corrobora para o estereótipo de que as pessoas negras não trabalham e são dependentes de programas assistenciais do Governo.

¹⁵ ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 14, n. 2, p. 74-94 jul./dez. 2002, p. 78.

¹⁶ ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 14, n. 2, p. 74-94 jul./dez. 2002, p. 78.

¹⁷ WINCH, Rafael Rangel; ESCOBAR, Giane Vargas. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 227-245, jul./dez. 2012.

¹⁸ WINCH, Rafael Rangel; ESCOBAR, Giane Vargas. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 227-245, jul./dez. 2012.

Apesar da inclusão de mulheres negras nas propagandas ser importante em termos de representatividade, situações como essas somente reforçam os estereótipos e o racismo¹⁹.

Verifica-se que as mulheres negras possuem presença minoritária nas mídias e, quando se apresentam, são colocadas em categorias como a mulata (sexualizada) ou a empregada doméstica. A mídia produz a naturalização do racismo e do sexismo, formado a partir de estereótipos e estigmas, que prejudicam a identidade e valor desse grupo²⁰.

As mudanças vêm ocorrendo de forma gradativa, muito em razão da atuação das mulheres negras para transformar a representação nos meios de comunicação e capacitar as suas lideranças, tendo em vista que historicamente esses grupos ficaram à margem do poder e isso contribuiu para a disseminação de estereótipos e distorções pelas mídias²¹.

A atuação de grupos de mulheres negras nas redes sociais também é um importante fator de combate aos estereótipos propagados pelas grandes mídias e de construção de identidades femininas negras, bem como vem fortalecendo a ampliação da participação das mulheres na política em busca de uma democracia participativa.

AS REDES SOCIAIS COMO INSTRUMENTO DE VOZ E MUDANÇA

A exclusão das mulheres negras dos locais de poder no decorrer dos séculos causou um silenciamento dessas mulheres. Diante disso, a busca pela expressão e manifestação da voz feminina negra foram observadas inicialmente em espaços tidos como seguros: nas conversas íntimas, no blues e por meio da literatura²².

O feminismo negro ou feminismo decolonial vem contribuindo para a construção da identidade feminina negra, na busca pela desconstrução da imagem distorcida imposta às mulheres negras em países colonizados. Os movimentos

¹⁹ ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 14, n. 2, p. 74-94 jul./dez. 2002, p. 78.

²⁰ CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

²¹ CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

²² HILLS, Patrícia Collins. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

feministas negros há tempos operam para demonstrar a opressão e os estigmas que recaem sobre o corpo feminino negro.

As autobiografias escritas por pensadoras negras deram voz à muitas mulheres, que por meio desse espaço puderam ouvir e se fazer ouvir. A partir disso, observa-se uma evolução das autobiografias para narrativas de si no ambiente digital, através das redes sociais. As chamadas influencers digitais contribuem para a quebra dos estereótipos por meio da construção da identidade feminina negra, assim como confrontam as estruturas hegemônicas, a partir de memórias e histórias coletivas que foram silenciadas pelo colonialismo²³.

Com as ferramentas digitais e a propagação da internet, as mulheres negras ganharam uma forma de maior propagação de suas vozes. Desse modo, a resistência aumentou, impulsionada por blogs, vídeos no YouTube ensinando a cuidar dos cabelos crespos e cacheados, e poemas evidenciando a luta da mulher negra. O acesso às redes sociais possibilitou a união desses grupos de mulheres, que interagem entre si, com vistas a fortalecer a autoestima e desenvolver a sororidade, além de várias denúncias acerca do preconceito²⁴.

Um exemplo disso é a entrevista concedida pela influencer Suelen Marques à Dafini Nogueira, no evento Ubuntu, em que ela relata a experiência da mulher negra nas redes sociais. Marques aponta a importância de assumir o cabelo e a cultura negra, além de como isso impacta e fortalece o grupo, de modo que muitas outras mulheres acabam se inspirando nessa coragem de mostrar sua realidade e no agir com sinceridade, expondo as questões que afetam especificamente as mulheres negras²⁵.

A influencer trata também das dificuldades enfrentadas ao se posicionar nas redes, tendo em vista que aquelas que produzem conteúdo além da estética e, de fato debatem questões como racismo e feminismo negro, sofrem para conseguir espaço e

²³ PEREIRA, Evelyn Santos; ZUBARAN, Maria Angélica. A constituição de pedagogias negras na internet: um estudo das narrativas produzidas e disseminadas por youtubers negras. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1508-1523, set./dez. 2021.

²⁴ SANTOS, Manuela Pinheiro; SANTOS, Edna Consuelo Lisboa Pinheiro; SILVA, Jéssica Góes da; SILVA, Ícaro Ferreira da. A invisibilidade da mulher negra na mídia. In: **V Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidades**. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30411>. Acesso em: 12 fev. 2024.

²⁵ MARQUES, Soll. **Feminismo negro e a mulher negra nas redes sociais**. Projeto Ubuntu bate papos. YouTube, 8 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmOoW4lo-nl>. Acesso em: 1 mar. 2024.

patrocínio. Isso porque as indústrias acabam por não querer patrocinar pessoas que “militam” ou então impõem regras de como essas mulheres devem se portar, concedendo mais patrocínios àquelas que não se posicionam²⁶.

Além disso, há ainda uma distinção realizada entre os tons de pele negra e a curvatura do cabelo, em que aquelas que possuem tons mais claros e curvaturas mais cacheadas, ao invés de crespas, conseguem mais patrocínios²⁷. Denota-se que entre as mulheres negras ainda há graus mais profundos de racismo e sexismo, em razão do colorismo.

O colorismo ou pigmentocracia são termos muito criticados pelas feministas negras, tendo em vista que essa classificação é uma tentativa de embranquecimento da população, de modo que as feministas e influencers incentivam às pessoas negras a negarem essas categorias e se reconhecerem e se autodeclararem como negras de pele clara ou escura²⁸.

Apesar das dificuldades, as influencers negras têm crescentemente conquistado espaço no meio digital, atingindo diversas mulheres e dando voz a elas. As jovens negras vivem e refletem os desdobramentos daquilo que os movimentos negros e feministas negros alcançaram em termos de políticas públicas, acesso à educação e inclusão²⁹.

Com isso, proliferam narrativas no meio digital, desconstruindo estereótipos e práticas hegemônicas. Além disso, a possibilidade de maior acesso à educação e a popularização dos smartphones, contribui para que esses jovens possam atuar politicamente na sociedade, trazendo empoderamento e favorecendo a participação social³⁰.

²⁶ MARQUES, Soll. **Feminismo negro e a mulher negra nas redes sociais**. Projeto Ubuntu bate papos. YouTube, 8 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmOoW4lo-nl>. Acesso em: 1 mar. 2024.

²⁷ MARQUES, Soll. **Feminismo negro e a mulher negra nas redes sociais**. Projeto Ubuntu bate papos. YouTube, 8 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmOoW4lo-nl>. Acesso em: 1 mar. 2024.

²⁸ PEREIRA, Evelyn Santos; ZUBARAN, Maria Angélica. A constituição de pedagogias negras na internet: um estudo das narrativas produzidas e disseminadas por youtubers negras. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1508-1523, set./dez. 2021.

²⁹ PEREIRA, Evelyn Santos; ZUBARAN, Maria Angélica. A constituição de pedagogias negras na internet: um estudo das narrativas produzidas e disseminadas por youtubers negras. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1508-1523, set./dez. 2021.

³⁰ PEREIRA, Evelyn Santos; ZUBARAN, Maria Angélica. A constituição de pedagogias negras na internet: um estudo das narrativas produzidas e disseminadas por youtubers negras. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1508-1523, set./dez. 2021.

As pesquisadoras negras também têm utilizado o espaço digital para difusão de suas pesquisas e para reforçar a importância da produção intelectual. Ainda, há incentivo por parte dessas intelectuais para que não somente as dores e as lutas sejam difundidos, mas também as vitórias, a beleza e a criatividade³¹.

Outra forma de introdução de debates a respeito de questões feministas negras adveio da popularização dos podcasts. Os podcasts são transmissões de áudios, que retratam conversas informais e flexíveis de seus participantes, ao passo que a podosfera seria o termo utilizado para representação desse universo dos podcasts³².

Por meio dos podcasts se possibilita a união de grupos minoritários, que podem atuar ativamente nos debates, tendo em vista que é oportunizado aos ouvintes a participação nos episódios. A podosfera tem o poder de difundir causas sociais, amplificando a voz de indivíduos e coletivos, sendo um meio de resistência, sobretudo, uma alternativa para vozes oprimidas na mídia tradicional³³.

As temáticas discutidas nos podcasts voltados à cultura negra, empoderam e fortalecem a união entre o podcaster e pessoas comuns, que enfrentam as mesmas dificuldades em seu cotidiano. O ambiente do podcast se torna acolhedor e seguro para a discussão, com a utilização de expressões regionais e próprias da cultura negra, produzindo uma sensação de pertencimento³⁴.

O ambiente seguro é proporcionado em razão da limitação à ataques, eis que ao tratar de assuntos mais especializados, acaba-se por restringir os destinatários do conteúdo e, diante disso, torna-se um meio eficaz de interação da comunidade, de fortalecimento de pautas políticas e proporciona maior liberdade para tratar de assuntos do interesse daquele público.

Apesar do alcance das redes e da possibilidade de desmistificar os estereótipos, bem como de fortalecimento dos grupos de mulheres negras, o acesso

³¹ PEREIRA, Evelyn Santos; ZUBARAN, Maria Angélica. A constituição de pedagogias negras na internet: um estudo das narrativas produzidas e disseminadas por youtubers negras. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1508-1523, set./dez. 2021.

³² CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. 177 f. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2021.

³³ CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. 177 f. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2021.

³⁴ CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. 177 f. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2021.

à internet ainda é um fator que impacta negativamente a difusão desses saberes. Isso porque 36 milhões de pessoas no Brasil ainda não tem acesso à internet ou não acessam por outros fatores, conforme informações transmitidas por jornais eletrônicos como G1, Poder 360 e Brasil de Fato.

Em que pese os problemas decorrentes da falta de acesso à internet, é inegável que os movimentos feministas negros e mulheres em geral têm se apropriado do meio digital para difundir seu lado da história, erguer suas vozes e promover a inclusão política das mulheres negras na sociedade, transpondo barreiras geográficas e confrontando o ponto de vista branco colonizador³⁵.

A utilização do ciberativismo modifica a forma de articulação dos movimentos sociais, ampliando as reivindicações, incentivando discussões e organizações no online e no offline³⁶. Os indivíduos se organizam em “comunidades virtuais de motivação social”, as quais podem se desdobrar em “comunidades de interesses”, “comunidades de relacionamentos”, entre outras categorias. Essas comunidades visam a organização de grupos com interesses semelhantes, a fim de compartilharem experiências e expertise em determinados tópicos³⁷.

Seja pela reunião por meio de comunidades virtuais, podcasts ou pela produção de conteúdo independente em redes sociais, como Instagram, Facebook, Youtube e TikTok, as mulheres negras têm ganhado voz para romper com os estereótipos colonizadores, rompendo também com as crenças de hipersexualização, de falta de conhecimento técnico e de submissão.

Por meio do incentivo à utilização do cabelo natural e à autodeclaração, influencers digitais têm atingido grande número de mulheres, as quais se inspiram e se sentem representadas. Ademais, para além da quebra dos estereótipos lançados sobre os corpos femininos negros e do auxílio à construção da identidade feminina negra, essas mulheres contribuem fortemente para a inclusão social e democrática de uma minoria silenciada pelo patriarcado e pelo colonialismo.

³⁵ FERNANDES, Nathaly Cristina. Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuação e resistência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 132-142, jul./dez. 2019.

³⁶ FERNANDES, Nathaly Cristina. Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuação e resistência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 132-142, jul./dez. 2019.

³⁷ MAGRO, Américo Ribeiro; ANDRADE, Landolfo. **Manual de direito digital**. 4. ed. São Paulo: Editora JusPodivm, 2024.

Mulheres negras, intelectuais, pesquisadoras, professoras e outras, utilizam das redes sociais para divulgar a sua verdade, a sua cultura, e para demonstrar a importância da união para o combate aos estereótipos arraigados na sociedade brasileira. Desse modo, verifica-se que as redes sociais são instrumentos importantes de voz e de mudança, ou seja, para que às mulheres negras seja oportunizado expor sua verdadeira identidade, assim como para promover a participação na democracia e na criação de políticas voltadas à necessidade da mulher negra.

REPERCUSSÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E NA DEMOCRACIA

A atenção dispensada à diversidade é uma das formas de luta por uma sociedade democrática. Além disso, faz-se necessário abolir o discurso a respeito de que a diversidade afasta a luta de classes, colocando a todos em um bloco homogêneo. Essa homogeneização da sociedade apenas contribui para a exclusão e invisibilização das minorias, promovendo ainda mais as desigualdades e a misérias daqueles rotulados como diferentes³⁸.

O tema da diferença e da diversidade precisa ser entendido como uma forma de luta contra as forças hegemônicas. As mulheres negras sempre lutaram pelo reconhecimento dessa diferença, pelo direito a voz e pela liberdade reprodutiva, resistindo contra as elites racistas. Através das discussões travadas por jovens negras, os corpos negros vêm ganhando visibilidade e emancipação para libertar-se do pensamento racista³⁹.

Essa visibilidade força o Estado a criar políticas e projetos para inclusão das pessoas negras, como por exemplo, com a inserção do racismo como crime inafiançável. Isso reflete a luta dos movimentos sociais e de como essas ações coletivas impulsionaram a visibilidade do corpo negro de forma positiva, como expressão da cultura e da identidade⁴⁰.

O corpo negro emancipado passa a ganhar espaço nas universidades, na estética, na luta sindical, na escrita, na dança e música. Contudo, com a emancipação,

³⁸ GOMES, Nilma Nilo. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Revista Perseu**, São Paulo, n. 17, p. 123-142, 2019.

³⁹ GOMES, Nilma Nilo. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Revista Perseu**, São Paulo, n. 17, p. 123-142, 2019.

⁴⁰ GOMES, Nilma Nilo. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Revista Perseu**, São Paulo, n. 17, p. 123-142, 2019.

as estruturas se reorganizam na busca pela regulação. Diante disso, é necessário ter em mente que a emancipação não é feita apenas de vitórias, mas também é um elemento de resistência para aqueles que possuem consciência política de sua identidade racial⁴¹.

A partir da obra de Foucault que trouxe o conceito de biopolítica, desdobrado na atualidade por Agamben, Wermuth verifica que a polícia se apresenta como entidade soberana, detentora do poder sobre a vida e a morte. Isso se demonstra a partir do grande número de mortes negras, descortinando uma falsa ideia de democracia racial e apontando o racismo estrutural na sociedade brasileira⁴².

Enquanto a legislação celebra a igualdade racial, a polícia soberana tem o poder de decidir quem tem o direito de viver. Isso é resultado de um país escravagista e que posteriormente passou por período de ditadura, atribuindo ao negro a imagem de perigoso e dissidente⁴³.

A produção de sujeitos estereotipados são parte de estratégias da manutenção da prática colonial, que colocam no diferente a marca de sujeitos marginalizados e degenerados, promovendo aparatos de poder. O estereótipo é uma marca do sistema de fixidez, aspecto importante para o discurso colonial, em que se atribuem imutabilidade, rigidez e repetição demoníaca, propagando características fixas, promovendo a manutenção do poder/saber e dando reproduzibilidade ao poder colonial⁴⁴.

Damasceno afirma que “o discurso racista está fundado nessa complexidade do estereótipo, tendo atravessado diferentes períodos da história mundial, mas assumindo potência com o projeto político moderno, cuja faceta oculta da

⁴¹ GOMES, Nilma Nilo. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Revista Perseu**, São Paulo, n. 17, p. 123-142, 2019.

⁴² WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. Biopolítica e polícia soberana: a sociedade escravocrata como chave de compreensão da violência e da seletividade punitiva no Brasil. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 23, n. 3, p. 284-309, set./dez. 2018.

⁴³ WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. Biopolítica e polícia soberana: a sociedade escravocrata como chave de compreensão da violência e da seletividade punitiva no Brasil. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 23, n. 3, p. 284-309, set./dez. 2018.

⁴⁴ DAMASCENO, Gabriel Pedro Moreira; SQUEFF, Tatiana de Almeida Freitas Rodrigues Cardoso. O discurso dos direitos humanos na perpetuação da indiferença e da subordinação do sujeito racializado. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 27, n. 1, p. 181-215, jan./abr. 2022.

colonialidade, dá o tom desumanizante e contraditório dos discursos pautados nessa lógica”⁴⁵.

As classificações de raça, nesse sentido, fazem parte da luta pelo monopólio do poder, de modo a transformar a diferença em subordinação. Ademais, a adoção de estereótipos retira a própria humanidade do sujeito, reverberando situações de desumanização. A partir disso, a promoção da seletividade de direitos humanos, negados a sujeitos racializados, reforça a exclusão de maneira sistemática.

Noutras palavras é este discurso, hegemônico, de direitos humanos que, dadas as assimetrias de poder remanescentes da introdução da modernidade, reproduz um discurso dominante que extrai da diferença um estereótipo, o qual nega a plena humanidade e mantém a noção de raça para naturalizar desigualdades, legitimar segregações e fomentar, inclusive, o (auto)reconhecimento de sua (pretensa) subordinação (ao Norte)⁴⁶.

Diante disso, é preciso ter em mente que o feminismo precisa continuar fortalecendo a luta por transformações nas estruturas de poder, na implementação de políticas públicas e na manutenção dos direitos humanos conquistados pelas mulheres. Isso tendo em vista que os direitos ora conquistados, podem vir a ser objeto de ataque, razão pela qual este não é o ponto de chegada e a luta deve continuar⁴⁷.

A abertura de espaços digitais promove a inclusão das mulheres negras em espaço de poder, ao auxiliar na promoção de políticas públicas e no incentivo à participação democrática.

A voz feminina negra que se reproduz nas redes sociais é um mecanismo de rompimento de estereótipos introduzidos pelo colonialismo e pela escravidão na sociedade brasileira, além de ser um instrumento de luta contra o silenciamento e contra o racismo e o sexismo.

⁴⁵ DAMASCENO, Gabriel Pedro Moreira; SQUEFF, Tatiana de Almeida Freitas Rodrigues Cardoso. O discurso dos direitos humanos na perpetuação da indiferença e da subordinação do sujeito racializado. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 27, n. 1, p. 181-215, jan./abr. 2022.

⁴⁶ DAMASCENO, Gabriel Pedro Moreira; SQUEFF, Tatiana de Almeida Freitas Rodrigues Cardoso. O discurso dos direitos humanos na perpetuação da indiferença e da subordinação do sujeito racializado. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 27, n. 1, p. 181-215, jan./abr. 2022.

⁴⁷ MASSA, Roberta Franco; LORENZETTO, Bruno Meneses. O papel histórico do feminismo no reconhecimento dos direitos das mulheres. **Int. Públ. IP**, Belo Horizonte, a. 21, n. 118, p. 59-79, nov./dez. 2019.

Denota-se que a exposição de mulheres negras nas redes sociais contribui ativamente para a descortinar a falsa ideia de que o racismo é algo superado. Com isso, as vozes femininas negras ganham o poder de realizar mudanças das estruturas sociais, fortalecendo suas lideranças e a participação na política.

Apenas a partir da difusão do conhecimento sobre a verdadeira identidade feminina negra e acerca da opressão sofrida pelas mulheres negras é que se possibilita maior visibilidade à essa minoria. E, diante disso, o Estado não pode manter um discurso hegemônico e colonialista, sendo coagido a adotar medidas de efetiva proteção e inclusão para mulheres negras no cenário político, social e econômico.

Sendo assim, a atuação dos movimentos feministas negros somados à resistência e articulação propagadas por mulheres negras nas redes sociais, possibilita a reestruturação das políticas e da própria democracia, voltando-se a atender as necessidades e demandas específicas da população feminina negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada demonstrou que até os dias de hoje os estereótipos que recaem sobre a mulher negra desde o período escravagista e colonial ainda estão presentes na mídia.

Desse modo, analisou-se se a contribuição realizada por mulheres negras por meio das redes sociais colabora para descortinar esses estereótipos, a partir da expressão das vozes há muito silenciadas. Também foi verificada de que forma a atuação do feminismo negro e das mulheres negras em geral, por meio das redes sociais e dos podcasts, são instrumentos de mudança e de inclusão das minorias.

O trabalho atingiu o objetivo de analisar se a expressão da mulher negra no ambiente virtual impacta nas políticas e na promoção de uma democracia mais participativa. Respondeu-se positivamente à questão levantada, tendo em vista que observou-se que a difusão de saberes e da cultura negra por meio do digital tem impactado de forma positiva na promoção de políticas, bem como incentivado mulheres negras à participação democrática e política.

Verificou-se que a produção de sujeitos estereotipados são parte de estratégias da manutenção da prática colonial, que colocam no diferente a marca de sujeitos marginalizados e degenerados, promovendo aparatos de poder.

Deste modo, a abertura de espaços digitais promove a inclusão das mulheres negras em espaço de poder, ao auxiliar na promoção de políticas públicas e no incentivo à participação democrática, bem como desconstruem os estereótipos distorcidos difundidos na mídia.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p. 71-98, jul./dez. 2011.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. 177 f. **Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2021.

DAMASCENO, Gabriel Pedro Moreira; SQUEFF, Tatiana de Almeida Freitas Rodrigues Cardoso. O discurso dos direitos humanos na perpetuação da indiferença e da subordinação do sujeito racializado. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 27, n. 1, p. 181-215, jan./abr. 2022.

FERNANDES, Nathaly Cristina. Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuação e resistência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 132-142, jul./dez. 2019.

GOMES, Nilma Nilo. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. **Revista Perseu**, São Paulo, n. 17, p. 123-142, 2019.

HILLS, Patrícia Collins. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

MAGRO, Américo Ribeiro; ANDRADE, Landolfo. **Manual de direito digital**. 4. ed. São Paulo: Editora JusPodivm, 2024.

MAIA, Camila Pereira; SILVA, Roberto Jardim da. Sexo e as negas: empoderamento ou reforço dos estereótipos das mulheres negras na mídia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 20-25, jan./jul. 2016.

MARQUES, Soll. **Feminismo negro e a mulher negra nas redes sociais**. Projeto Ubuntu bate papos. YouTube, 8 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmOoW4lo-nl>. Acesso em: 1 mar. 2024.

MASSA, Roberta Franco; LORENZETTO, Bruno Meneses. O papel histórico do feminismo no reconhecimento dos direitos das mulheres. **Int. Públ. IP**, Belo Horizonte, a. 21, n. 118, p. 59-79, nov./dez. 2019.

PEREIRA, Evelyn Santos; ZUBARAN, Maria Angélica. A constituição de pedagogias negras na internet: um estudo das narrativas produzidas e disseminadas por youtubers negras. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1508-1523, set./dez. 2021.

ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho; BUENO, Sandra M. Nora. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 14, n. 2, p. 74-94 jul./dez. 2002.

SANTOS, Manuela Pinheiro; SANTOS, Edna Consuelo Lisboa Pinheiro; SILVA, Jéssica Góes da; SILVA, Ícaro Ferreira da. A invisibilidade da mulher negra na mídia. *In: V Seminário Internacional Entrelaçando Sexualidades*. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30411>. Acesso em: 12 fev. 2024.

VIANA, Ana Carolina; SANTOS, Cristiane; Ezechiello, Rafaela. A hipersexualização da mulher negra. **Materializando Conhecimentos Revista Eletrônica**, Porto Alegre, v. 9, p. 1-14, out. 2019.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. Biopolítica e polícia soberana: a sociedade escravocrata como chave de compreensão da violência e da seletividade punitiva no Brasil. **Revista Direitos Fundamentais e Democracia**, Curitiba, v. 23, n. 3, p. 284-309, set./dez. 2018.

WINCH, Rafael Rangel; ESCOBAR, Giane Vargas. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 227-245, jul./dez. 2012.